

The Project Gutenberg eBook of Continuação do Portugal enfermo por vícios, e abusos de ambos os sexos, by José Daniel Rodrigues da Costa

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Continuação do Portugal enfermo por vícios, e abusos de ambos os sexos

Author: José Daniel Rodrigues da Costa

Release Date: March 23, 2010 [EBook #31744]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK CONTINUAÇÃO DO PORTUGAL ENFERMO POR VICIOS, E ABUSOS DE AMBOS OS SEXOS ***

CONTINUAÇÃO DO
PORTUGAL ENFERMO
POR VICIOS, E ABUSOS
DE AMBOS OS SEXOS.

PART. II

DEDICADO AO SENHOR

JOSÉ LUIZ GUERNER,

CONSUL DE S. M. SICILIANNA,

POR

JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA,

ENTRE OS PASTORES DO TEJO

JOSINO LEIRIENSE

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1820

Com Licença.

Em louvor do Autor, hum Genio dado ás Musas, bem conhecido, e muito applicado, mandou o seguinte {II}

MADRIGAL.

Musa, (disse eu á gentil Clio hum dia)
Pois que ao jovial Josino
A palma déste da immortal Poezia,
Mimoso Dom Divino,
Com que louva a virtude, o vicio prostra,
E aponta as causas, e os effeitos mostra
Da decadencia nossa;
Dá-me tambem, que eu possa,
Cantando o Vate, que do Ceo nos veio...
«Basta (me torna Clio);
Suas obras, e não louvor alheio,
São o seu Elogio.»
Campelo.

{III}

Chama-se a isto hum

PROLOGO.

Curioso Leitor, ou Ouvidor, que não te escandalizo neste segundo nome, porque tambem he de lugar de letras, consta este Folheto da Segunda Parte de Portugal Enfermo por vicios, e abusos: continúa na mesma critica, na mesma boa moral, e com a costumada jovialidade. Mas se ainda assim mesmo achares este Folheto sem sal, dá-lhe alguma desculpa; porque foi acabado agora, e por isso vai muito fresco. Primeiro que o publicasse, fui consultar (como costume em todas as minhas Obras, seguindo o preceito dos nossos antigos Mestres) com talentos superiores aos meus, judiciosos, e de bom criterio, que com sinceridade me asseverarão que este Folheto levava vantagem ao primeiro. *Si ita est, fiat.*

Não passarão de quatro até cinco genios mordazes, que não lhe podendo pôr outro defeito, forão publicando que a Obra não era minha, a ver se isto pegava, como pegou a moda do *Tiro-liro* por toda a parte. Ora vejão Vossas Mercês, pelo amor de Deos, que tal ficaria eu quando mo disserão! A Obra não será minha; mas o primeiro Folheto imprimio-se, e reimprimio-se, e eu recebi o producto de mil e quinhentos Folhetos. Talvez que estes individuos campem melhor no público com cavallos emprestados, trastes, e dinheiros alheios, do que eu com versos de outrem! Nunca fui plagiario; antes os tenho encontrado de obras minhas: e desde a primeira, que imprimi, que foi a Obra dos Opios, ainda não mudei de estilo; porque me não acho com forças, para imitar os Guindados do tempo.

{IV}

Leitor, o primeiro paragrafo pertence-te, o segundo pertence aos quatro, ou cinco Ruminadores, que com caracter de mal intencionados Zoilos, mastigão toda a qualidade de papel, como fazem os que enjoão pelo mar: e diz muita gente boa ser isto hum remedio contra os enjôos; o que eu dou quasi por certo, porque já o vi verificado em varias Senhoras, que são as que enjoão no mar com mais facilidade.

Aqui acabou o Prologo de repente. Coitado! Ainda ha pouco tempo estava de perfeita saude! Que não somos nada neste mundo, este Prologo o prova; porque, tambem na minha estimação, tornou-se em nada, e foi-se sem se despedir no Latino idioma, como os outros Prologos fazem talvez por não entender mais.

{V}

Agora, Leitor, com ingenuidade dirás se a Obra em si alguma cousa

PORTUGAL ENFERMO PELOS VICIOS, E ABUSOS.

*Não sou Poeta de palavras crespas,
Com que alguns dão picadas, como vespas:
E no zunzum de termos exquisitos,
Só fazem o zunido dos mosquitos
Não escrevo por cifra, nem por cetra,
Nem sei fallar, senão ao pé da letra.*

Do Autor.

Portugal, Portugal, não te conheço?
Vives esmorecido, e eu esmoreço,
Vendo-te com achaque tão profundo,
Que pouco já figuras neste mundo:
Perdeste toda a tua bizzarria;
As familias perdêrão a alegria;
Todos andam de caras tristes, serias,
Não ouço senão prantos de miserias:
Ficarás só com casas, mas sem gente;
Pois muitos, de paixão, já vão morrendo;
Porque com a desgraça não podendo,
Caloteão, mendigão, degenerão,
E só na morte o seu descanso esperão.
Não se encontra em ti outro desafogo,
Que não seja o do jôgo, jôgo, jôgo,
Que he onde inda apparece algum dinheiro,
E já se faz officio de Banqueiro:
Nelle se encartão mais os ajudantes,
Socios olheiros, sempre vigilantes:
Qual rapaz, que nas terras põe gaiola,
Onde passaro mestre desenrola
Agradavel gorgeio, com que chama,
E as aves novas faz cahir na trama
Das varas enviscadas da costella:
Assim subtil Banqueiro arma a esparrella,
Sendo passaro mestre, que appresenta
De moedas em cruzios mais de oitenta,
Que estão chamando ao visco os coitadinhos,
Os quaes lhe vão cair, pobres patinhos!
Que quando o caso em sortes bem não corra,
O seu, e alheio vai tudo á desforra.
Hoje em qualquer função por essas sallas,
Depois do chá, escutão-se estas fallas:
A Senhora quer Ronda, ou quer Banquinha?
Vão se chegando a mãe, tia, e sobrinha,
E por desgraça (aqui fique entre nós)
Té para a Ronda vão mesmo as avós:
Quegilando o que tem cartas na mão,
Que a primeira inda deo, segunda não:
E se por hum acaso deo segunda,
Era vez de a pespegar recebe tunda;
Porque succede ás vezes, cousa rara,
Recolher inda menos que parára,
E attribue logo ao córte da velhinha
Ser a sorte com elle tão mesquinha.
Em outra sala estão tafues armados
De copos novos, grozas de bons dados:
Treze primeiro que oito, barro, topo:
Levou trez onças de ouro, passa o copo.
Busca para o passar qualquer aresto,
Que o parceiro não quer jogo de resto.

{2}

{3}

Dinheiro só se vê nestes combates,
E em cartuxos nas lojas dos rebates:
Ou seja em Baptizado, ou Casamento,
Função d'annos, ou outro ajuntamento,
Com outra qualquer cousa não se atina,
Vai-se seguindo sempre esta rotina;

Té depois de hum enterro huns enojados
Em casa do defunto os vi sentados
Jogando o Voltarete com franqueza,
Para se distrahir mais a tristeza.
Esta a paixão, que he hoje dominante,
E nisto he que a função se faz brilhante,
Sendo do Alcorão que no outro dia
Se murmure de quem nella perdia,
Dizendo-se: Fulano perdeo munto!
Cento e tantos mil reis tinha elle junto,
Em menos de huma hora, mas virou,
Perdeo o ganho, e a bolça despejou.
Hum Fulano de tal, que appareceo,
Esse quanto puxou tudo perdeo.
Cento e tantas moedas lá disserão,
Fóra cincoenta mais, que se não derão.

{4}

Aonde, Portugal, estão sumidos
Teus entretenimentos divertidos!
Aonde estão as Arias, as Modinhas,
Os Quartetos, que ao cravo sempre tinhas?
Os graves Minuetes bem dançados,
Pelas regras da Dança executados!
E no intrevalllo a Dama mais discreta,
Dando o Mote engenhoso ao bom Poeta
Que em Sonetos, e Decimas galantes,
Parecião as horas huns instantes.
Estão divertimentos tão luzidos
A baralhos de cartas reduzidos;
Mas se julgas que nisso te confortas,
Verás que o jogo te ha de pôr por portas.

Portugal, Portugal! não te conheço!
De te vêr nesse estado desfaleço!
Quanto mais faltas vejo de dinheiro,
Mais vejo pôr-se o luxo de poleiro!
Até nos tratamentos tenho visto
Cousas, que fazem rir no meio disto.
Ninguem—Vossa Mercê—quer hoje em dia,
Hão de dar-lhe por força Senhoria:
E por maior nobreza, e mais decencia,
Já puxa a Senhoria huma Excellencia.
Tem este desacordo muita gente,
Mesmo sem nada ter com que a sustente:
Sem rendas, nem brazões, tudo devendo,
Desta aura popular se vão mantendo;
E a quem nesta mania assim se ceva,
Ninguem lhe vá lembrar Adão, e Eva.
E que direi dos *Dons*? parecem praga!
Em qualquer parte o *Dom* nasce, e propaga.
Ha *Dons* já muito velhos, outros novos,
Além dos *Dons*, que estão inda nos ovos:
E se a menina em prendas se affamou,
O *Dom* sahe logo á luz, não se gorou.

{5}

Eu vejo pais ás filhas embutindo
A escolha de Convento, persuadindo
Que passa vida santa, e descançada
Quem vive no Mosteiro clausurada.
E caminhando vão por este trilho,
Para que boa casa fique ao filho,
Fazendo professar as innocentes
Com festas, e visitas de parentes.
Em quanto os pais são vivos bem vai tudo,
As mezadas se cobrão a miudo;
Vive huma Freira em paz com alegria;
Conformando-se hum dia, e outro dia.
Mas em morrendo os pais tudo vai mal,
Nem pelo São João, nem no Natal
Se faz á pobre Freira pagamento,
Té ficar em total esquecimento;
Que o irmão, das mezadas incumbido,
Cuida só em fazer o seu partido:
Destroe a casa toda, como louco,
Que para nutrir vicios tudo he pouco;

{6}

Fica a mizera Freira mendigando
Pelas outras, que estão também penando.
Repetindo escrever a quem conhece,
Té vêr quem de seu mal se compadece.
Aqui temos os grandes beneficios,
Que os pais fazem com estes sacrificios,
Obrigando a Clausura, e Profissão
Quem nunca teve aquella vocação;
Sem ver que só acceita a Divindade
Esta vida abraçada por vontade;
Que huma Freira, por força alli metida,
A maldizer-se leva sempre a vida.
E armou-se rede tal com este dolo,
Para se regalar hum filho tolo,
Que estraga tudo, sem de si ter dó,
Ficando todos pobres, como Jó.

{7}

Eu vejo as circunstancias malignadas,
As origens dos ganhos estagnadas,
Os generos subindo, nós descendo,
Ora tristes chorando, ora gemendo.
Precisa-se dinheiro, não o temos;
E por desgraça nossa até já vemos
Os meios de o haver difficultosos.
Mas entretanto os homens viciosos
Não querem conhecer esta diff'rença:
Não ha flagello alheio, que os convença
A regular a vida de outro modo;
Não se apartão d'aquelle mesmo engodo;
O mal encaminhado continúa,
Gastando o que não tem, que he balda sua.
Deixa a mulher sem pão, filhos sem fato;
E a moça desfrutando hum grande trato;
Sem vêr que huma mulher deshonestada
Não tem character firme, he descarada;
Pois basta a causa ser, como he sabido,
Da mulher viver mal com seu marido.
Estas loucas ruina são do homem,
Que quantos reaes tem tudo lhe comem;
E porque para tanto não tem rendas,
De ladrão mui subtil nos mostra as prendas:
Qual fogo, que devora quanto apanha,
Com o que não he seu também se amanha;
E quando se descobre, e se receia,
Ou quebra, ou foge, ou vai a huma cadeia.
O que joga, e que em jogos passa a vida,
Joga sem conta, pezo, nem medida;
O que se trata bem, e dá jantares,
Em funções tudo vai por esses ares;
O que tem outros vicios adoptado,
Porque nelles está habituado,
Nutrillos he o seu mais bello vinho,
Nem o tempo lhe ensina outro caminho;
Não ha destes hum só, que se contenha,
Antes nestas despezas mais se empenha;
E não sabendo donde lhe hão de vir,
Como quer ás basofias acudir,
Fingindo que a escacez lhe não faz mossã,
E que inda tem dinheiro, com que possa
Ostentar o que d'antes ostentava,
O remate he furtar, pois não o cava.

{8}

Portugal, Portugal! não te conheço!
Cada vez mais de ti me compadeço!
Eu vejo humas familias tolineiras,
Que nunca em suas casas são festeiras;
Ajustão as funções botando a idéa
A terem meza posta em casa alhêa.
Rio-se muito, bastante se brincou;
A familia da casa he que o pagou.
A noite foi da vespera perdida,
Só para se acudir com tanta lida
As massas, aos recheios, aos guizados,
A depenar as aves, aos assados:
As criadinhas postas aos fogões,

{9}

Padecendo depois constipações,
Que todas trabalharão na officina,
Para prompta se pôr a pappa fina.
Quando o dono da casa sente a asneira,
Já não póde sahir da ratoeira;
Mas he bem bom que assim fique ensinado,
Para vir a ser mais acautelado,
E fugir dos ajustes puxativos,
Feitos por certos genios logrativos,
Promptos para banquetes, onde os ha,
Porém que em suas casas só dão chá.

Eu vejo certos homens costumados
A mostrarem-se muito desvairados;
A cousa alguma prestão attenção;
Nas cousas de maior ponderação
Com chufas, e risadas só respondem,
E ás vezes muita asneira nisto escondem;
Por systema, por vicio, ou por maldade
Fogem de conversar com seriedade:
De todas as perguntas fazem mofa,
Só por tratarem tudo de galhofa;
Deixando os dependentes mais afflictos,
Por verem termos taes tão esquisitos:
Sujeitão-se, calando, os que dependem,
Mas ficão em jejum no que pertendem. {10}
Homens assim não são muito seguros,
Que trazem a cabeça sempre a juro.
Cuidado lhes não dá o alheio int'resse,
Pobre de quem depende, e quem padece.

Eu vejo muitas casas de partidas,
Que são com as dos doudos parecidas.
Vem entrando co' a noite os assignantes,
Passão em conversar breves instantes.
A Prima conta á Prima o máo successo
De huma esperta gatinha côr de gesso,
Com malhas no focinho, e no costado,
Que fazem o animal muito engraçado:
Relata o muito amor, que ella lhe tem,
Enlevada naquelle bom desdem.
Sahe d'alli logo Dona Presumida,
Meia tafulla, meia convertida,
(Que ao certo ninguem sabe inda entendella,
Se ella he que deixa o mundo, ou elle a ella)
E diz que tem por cousa do demonio
Haver homem, que fuja ao Matrimonio.
Como a materia he vasta, vai durando,
Huns mettendo-a em questões, outros mofando.
Chega o chá co' as fatias transparentes,
Que lhes ficão pegadas pelos dentes.
Assim se passa aquelle bocadinho,
Té que as bancas se põem para o joguinho. {11}
Então he que a criada da cozinha
Desenferruja a lingoa co' a vizinha;
Então he que outra á porta do jardim
De seus amores vai tratar o fim:
E a velha Preta á chaminé, qual mono,
Sempre a cabecear, pôdre de somno;
Porque os donos da casa divertidos,
Da Partida tirar querem partidos.
Nada os póde fazer deixar o jôgo,
Só vindo-lhes dizer que em casa ha fogo;
E em quanto se entretem com este aresto,
Fica á vontade da familia o resto;
Que por isso da casa mal guardada
Se tem visto fugir filha, ou criada;
Ou succeder a alguma rapariga
O que a decencia manda que eu não diga.
Muita cautela, e não facilidades,
Evita nas familias novidades;
Porque donas de casa não previstas,
Que não sabem deitar por tudo vistas,
Sem determinação, amanhã, e zelo,
Hão de achar muito roubo, e desmazelo:

Nos armarios mil cousas estruidas,
As casas int'riores nem varridas,
Sobejos de comer dentro do cobre,
Por se não dar de esmola a tempo ao pobre:
Sem duração a roupa, nem aceio,
As lingoas das criadas sem ter freio;
Pouco, e pouco a dispensa dizimada;
Louça fina escondida por quebrada;
E os vexados maridos com prudencia,
Dizendo lá comsigo: Ora paciencia!
Porque se ralhão, são insupportaveis,
Se fechão tudo, são huns miseraveis,
Se trombudos, são mal encaminhadados,
Se castigão, são homens mal criados;
Ellas querem sómente andar nas palmas,
E os maridos, que peção para as Almas;
Com tanto que ande Sempre a bolsa aberta,
Que he quando com marido bom se acerta.
Conheço que ha familias de bom porte;
Não he nestas que assenta este meu corte:
Nem ás outras tambem me determino
Levando nesta critica destino.
Atiro estes meus botes não pequenos,
Porque o mundo tem disto mais, ou menos.

{12}

Eu vejo huns homens ricos suffocados,
Té da sombra dos mais desconfiados,
Que vão, por ver se fica bem segura,
Mil vezes apalpar a fechadura
Da burra, que n'hum lado tem da cama,
Temendo da familia alguma trama;
E homens taes, afogados em riquezas,
Raras vezes se lembrão da pobreza;
Havendo casas tão necessitadas,
Nunca por elles são remediadas:
Por mais ouro, que tenham, que lhes sobre,
He raro quando dão dez reis a hum pobre.
Hum só rasgo não tem de caridade
Para a triste viuva, ou orfandade.
Não sei que contas fazem homens taes
Ajuntando, e escondendo os cabedaes!
Morrem té sem fazerem testamento,
Espirando n'hum trato o mais nojento,
Depois de vida sórdida, e mesquinha,
Que nem mandão comprar huma gallinha.
E vão-se deste mundo rebolindo,
Em quanto delles fica o mundo rindo:
Acabão supportando aquella surra,
Botando sempre os olhos para a burra.
Ora descance em paz, senhor defunto;
Cá fica quem lhe espalhe o que tem junto!

{13}

Eu vejo certos homens systematicos,
Que em tudo quanto pensão são fanaticos:
Cada falla he o estrondo de huma bomba,
Até parecem ter de porco tromba;
Fallão pouco, e não gostão de ouvir nada,
Tudo quanto se diz tudo os enfada.
Hum Cavalheiro deste paladar
Na loja de hum barbeiro foi entrar.
O mestre fez-lhe a barba in continente,
Mas no muito fallar impertinente.
Feita a barba, o soturno Cavalheiro
Disse ao tal fallador mestre barbeiro:
Pois que o vejo verboso em novidades,
E em discursos de varias qualidades,
Queira dizer-me, que saber preciso,
Qual he o animal de mais juizo?
Que era o boi, respondeo o mestre prompto.
Isso somente expressa hum homem tonto,
Lhe disse o cavalheiro, e não cuidava
Que huma resposta avêssa assim me dava.
Tornou-lhe o mestre: he o cão ao dono grato.
Tambem não acertou por mentecapto,
Lhe disse o Cavalheiro, ouça-me attento,

{14}

Para tirar d'aqui hum documento.
O bode he o animal nada ignorante,
Porque sendo de barbas abundante,
Tendo-as compridas, nunca as quiz fazer,
Sómente por barbeiros não soffrer.
Assim ficou o mestre corrigido,
Para ser em fallar mais comedido.

Portugal, Portugal! não te conheço!
E quanto tu padeces, eu padeço!
Pois te vejo mais triste do que o dia
De envernosa estação! Quem tal diria!
Andas debilitado, empobrecido,
Saudoso, sem descanso, e esmorecido!
O teu Xavier de Mattos bem fallou,
No galante Soneto, que traçou,
Quando disse com arte, e natureza,
Que da soturna imagem da tristeza
Era hum retrato vivo, e verdadeiro
Qualquer homem de bem sem ter dinheiro;
Cuja falta tem feito no presente
A ruina fatal de tanta gente.
Mas no meio de quanto se padece,
Hum genio creador nos apparece,
Que por nossa fortuna nos offerta.
Huma bem importante descoberta:
E bem se deixa ver no raro invento
O quanto póde hum homem de talento.
De bons engenhos nasce a emulação,
Com que se aperfeiçôa huma nação.
Receba parabens toda a Cidade
De huma cousa de tanta utilidade.
Não supponhão que he plano, ou são maneiras
D'a ferrugem tirar ás oliveiras:
Não cuidem que he fazer dar direcção
Hum viajante aerio ao seu Balão:
Nem deve presumir tambem o povo
Que tem de guarda-queadas molde novo:
Este invento os perigos acautela,
Mas em substancia he cousa mui singela.
Agora me parece estar ouvindo
O Leitor curioso serio, ou rindo,
Dizer-me ou assentado, ou posto em pé:
Basta de franja, acabe, diga o que he!
Ora eu o satisfaço: Ha hum Fulano
Dos que vestem casaca de bom panno,
Que por idéa sua, e risco seu
Para huma tenaz o molde deu.
Eu a vi, a qual era fabricada
De hum póido metal, obra aceada:
Hum destes ferros de encrepar cabelo
He mesmo o da tenaz fiel modelo.
De curioso eu, que o traste via,
Logo quiz indagar de que servia?
Disse-me o inventor que fora feito
Por servir a quem fuma de proveito:
Que o lume no sigarro mais atura,
Huma vez que a tenaz he que o segura;
Que faz esta invenção perder os medos
Aos sigarristas de queimar os dedos;
Que os Mouros tem cachimbos de huma vara,
Que a tenaz he aceio, e moda rara.

Agora se descobrem novas minas,
Com outras invenções mais genuinas;
Já temos hum moinho de vapor,
Que o de vento não móe talvez melhor.
De vapor hão de haver carros tambem:
Nas seges eu espero o mesmo trem.
Se a cousa for feliz, e se pegar,
Muitas cousas havemos de poupar!
Os machos, desta sorte, escusos são,
Hão de ficar em bestas de ceirão
Não terão preço a palha, nem cevada.
Se chego a ver tal maquina ultimada,

{15}

{16}

{17}

Affectando de grande personagem,
Protesto sempre andar de carruagem.
Grande cousa ha de ser, se se inventar
O modo do vapor nos sustentar!
Despeço-me de açougues, e Ribeira,
E digo adeos á Praça da Figueira.
He tudo isto bem bom; mas o peor
He faltar o dinheiro no melhor!
E assim como nas Caldas toda a gente
Se anda sempre queixando de doente,
Nós aqui com a mesma singeleza,
Só ouvimos clamores de pobreza:
Molestia, que amofina, e que faz tédio,
Que nem nas Caldas póde achar remedio.
Luxo, e mais luxo, pôdres, e mais pôdres,
Tudo cheio de vento, como os ôdres!
Ha huns homens sagazes de tal sorte,
Que desfrutarem muito he o seu forte;
Pois no ramo, em que lidão, e em que estão,
Não deixão escapar occasião:
Vão-se enchendo, e fazendo caramunha,
Só para que ninguem lhes veja a unha:
Mostrão-se mui zelosos com systemas,
Mas tem sempre o seu ovo duas gemas.
E aqui fica a razão verificada
De huns virem a ter tudo, e outros nada!
A huns tudo lhes vai bater á porta;
Outros não passão já da cepa torta!
Isto mesmo succede a mais de mil,
E eu comparo estas cousas a hum funil.
O que póde beber pelo bocal,
Sacia-se, e não vai de todo mal;
E quem pelo canudo sorve o vinho,
Tira quinhão, porém muito mesquinho.

{18}

Portugal, Portugal! o que bem pensa,
Tem encontrado em ti grande differença!
Perdeste em alguns homens a verdade,
Que dava sempre tom á sociedade.
Em poucas partes ha palavra firme,
E não falta com que isto se confirme.
A minha Musa de apontar se izenta,
Melhor o ha de applicar quem o exp'rimenta.
Eu admiro nos homens hoje em dia
De tocar os extremos a mania!
Que ou perdularios gastão quanto tem,
Fazendo mal a si, e aos outros bem;
Ou tão mesquinhos são, tão acanhados,
Que nem bons dias dão, por serem dados.
Pouco briosos são, faltos de acções,
Remoques não lhes fazem vexações:
Nada querem, que custe hum só vintem,
Só o que he de tolã lhes sabe bem.
Não querem acertar n'hum meio termo;
Estes, e outros que taes te pôem enfermo.
Os homens de algum dia praticavão
A boa educação que os Pais lhes davão;
Mas hoje alguns modernos estou vendo,
Que logrativos vão o tempo enchendo,
Porque o que de espertezas mais se jacta,
Engana aquelle mesmo com quem trata.
Tem-se hoje descoberto novos trilhos;
Nem ha filhos por pais, nem pais por filhos:
Não vejo senão genios desiguaes;
Usão todos de termos mui geraes:
Verbi gratia, Desejo-lhe prestar;
Se precisar de mim, ha de me achar;
Conheça que sou sempre seu amigo;
Em tudo o que eu puder, conte comigo.
Tudo palavras ocas, sem substancia,
Ditas sem fé, com arte, e sem constancia.

{19}

Tambem vejo alguns homens em balanças
Navegando no mar só de esperanças:
Figurões, que povôão este mundo,

Mas tem os fundos seus todos no fundo.
Abalrão co'a gente empavezados,
Em quanto se não mostram naufragados;
Depois são qual a uva já passada,
Que mostra baga, e pelle, e çumo nada.
Portugal, tu tens tido alguma gente,
Que se tem feito a si, e a ti doente.
Muita especulação vejo eu fazer,
Que em lugar de lucrar, bota a perder;
Pois de ter perda certa não se izenta
Quem para tirar dez dispense oitenta.

{20}

Portugal, Portugal! não te conheço!
Que me fazes tristeza te confesso!
Homens ha mais nocivos do que a peste,
E senhoras tambem de genio agreste:
Enfadão-se com todos, e com tudo,
E parece que o fazem por estudo!
Não cessão de ralhar, e de moer
As familias, por dar-lhes que soffrer:
Trazem a casa toda em labyrintho,
Pela condição aspera, que pinto.
Tambem homens encontro de tal modo,
Que assentão que he já seu o mundo todo;
Humas caras, que estão sempre estanhadas,
Que ou riem muito, ou são embuziadas.
Com condições assim não ha quem possa,
A reprehensão não vexa, nem faz mozza.
Isto nasce dos mimos, que lhes dão
Nas faltas da primeira educação.

Vejo huns homens tambem affeminados,
No gesto, e no fallar muito affectados,
Todos sentimentaes, cheios de nicas,
Que algum dia chamavão-se Maricas;
Mas assentárão hoje bons engenhos,
Que devião chamar-se homens gamenhos.
A origem deste nome bem se aponta
N'hum caso jovial, que ahi se conta.
E são recommendaveis taes figuras
Nos tregeitos, e vãs caricaturas;
Té mastigão fazendo muito mômo
O cheiroso Indiano cardamômo,
O qual trazem na boca largas horas,
Para terem bom bafo entre as senhoras;
Nem perdão ao seu mestre barbeiro
A dedada de banha de bom cheiro.
E já houve hum, que tendo a irmã de parto,
E entrando casualmente no seu quarto,
O cheiro da tal banha muito activo
Da pobre endoudecer foi o motivo.
Antes do Terremoto se munião
De pastilhas de cheiro, que trazião,
Em pivete, e em almiscar enfrascados,
Parecião de alcorce ser formados.
Destas verdades não se escandalizem,
Que ainda ha velhos vivos, que isto dizem.
Então erão faceiras, e casquilhos
No principio da moda dos polvilhos;
Pelos tempos vierão a peraltas,
Mas hoje são tafues, e alguns com faltas:
Os quaes agora tem por maravilha
A barriga apertarem co' huma cilha,
Enfivelada com tal arte, e geito,
Que a barriga se encolha, e altêe o peito;
Porque querem mostrar que podem ter
Perfeitos *patriotismos* de mulher.
Que errei esta palavra não se pense;
Pois vem na biblioteca Tafulense
Com *pitéo*, com *pinóia*, com *chalaça*,
Cucanha, *mujangué*, *Caurím*, que embaça
E para o peito ter maior altura,
E mostrar o que querem na figura,
Dão aos seus alfaiates a matraca
De almofadar as bandas da casaca.

{21}

{22}

Ora em trazerem cilha acho razão,
Visto haver ferradura por tacão!
São estas invenções todas de fóra,
Nós somos de outros reinos firme escora.
Os mais aprestes elles virão vindo,
Pois que as outras nações ficão-se rindo,
Mandando engodos taes a Portugal
Por sommas de dinheiro em bom metal.
Tomára persuadir aos que usão disto
Que usassem o que a muitos tenho visto:
Nas modas meio termo, e na despeza,
E nada de emendar a natureza.
Deixemos que hum tal sestro as Damas tomem;
Que a perfeição do homem he ser homem,
E não trazer pescoço almofadado,
Tingir cabelo já esbranquiçado,
Ou pôr grande chinó da côr da amora
Co' as bellezas mui brancas, e de fóra,
Como vejo aos que são de meia idade
Filhos só do amor proprio, e da vaidade:
Com outros desacordos deste lote,
Que de certo não falta quem os note.

{23}

E que direi de velhos enfeitados,
Que são a hum cêpo bem assemelhados?
Assim como eu, que o digo, a quem os annos
Feito hum espelho tem de desenganos,
Mas se viuvo estou, e já maduro,
Viuvo ficarei pelo seguro.
Não obstante elles verem-se encolhidos,
De pernas a vergarem carcomidos,
Assim mesmo meninas vão buscar,
Querendo-lhes fazer seu pé d'altar:
Sem se lembrarem que huma franga nova
Atira com hum velho para a cova.
Se buscassem dos annos a igualdade,
Inda lhes perdoaria a leviandade;
Mas quererem que as pobres raparigas,
Que por pouco escapárão das bexigas,
Atrás de algum vintem vão á lambugem,
E que morrão de nojo, e de rabugem!
Não posso levar tal á paciencia!
Amor isto não he: conveniencia.
Que em casamentos taes bem se conhece
Serem ellas escravas do interesse.
Que prazer póde ter muito a seu salvo
A que se liga a hum velho chôcho e calvo?
He muito natural mais lhe aborreça,
Se calvo for de quanto ha na cabeça;
Pois velho, que namora, e que se enlaça,
Tem a cabeça igual a huma cabaça;
E porque a natureza lhe he avessa,
Se tem dor de vazio he na cabeça.
Coitado! na figura, em que se vê,
Já podião chamar-lhe a morte em pé.
Mas no dia do alegre casamento
Resuscita com tal contentamento,
Que he pena ter o velho, que faz rizo!
Resurreição sem dia de juizo.

{24}

Tambem noto que hum velho de algum dia
Para a terra curvado he que pendia,
Grossa bengala a corpo hia sustendo,
E sobre as costas a marrã crescendo
Mas parece que a mesma natureza
Nos quer mostrar que nada tem firmeza;
Pois que os velhos, a quem tudo desanda,
Andão hoje tombados a huma banda.
Na velhice o estupor se reconcentra,
E não torna a sahir huma vez que entra.
Por acaso algum dia se fallava
Que em alguma pessoa estupor dava.
Eu sim me enganarei, mas ajuizo
Que nos vem este grande prejuizo
Do pão, do vinho, do vinagre, e azeite,

{25}

Quando generos taes levão enfeite.
E se isto assim não he, porque razão
Só em Lisboa ha tal repitição?
E lá fóra nas Villas, e Cidades
São estas cousas humas raridades?
Porque ha lá menos gente? Não convence;
Bem que he mui natural que assim se pense.
E hoje até na florida mocidade
Se está vendo huma tal calamidade;
Mas os moços, além da razão dada,
Tem outra circumstancia mais pezada,
Que he o irem por gosto aos sacrificios,
Para as forças perderem pelos vicios.

São a saude, e o tempo dois objectos
Estimados dos homens circumspectos;
E diz a mocidade que tambem
Estas cousas em grande valor tem:
Porém com appetites, e loucuras
Enxadadas vão dar nas sepulturas.
Hum perdeo a substancia, o outro a côr
Aquelle anda tolhido de huma dor.
E já tantas molestias lhes acodem.
Que nem armas, nem letras seguir podem:
Sobrevindo-lhes tal debilidade,
Que não podem gozar de longa idade.
Perdem filhos os pais, o Rei vassallos,
Porque a chusma dos vicios vem cortallos.
Nelles a mocidade he que se illude
Para estrago do tempo, e da saude:
Preciosidades estas, que perdidas,
Não vemos com que possa o ser suppridas.

Portugal, Portugal! não te conheço!
Do que és, e do que foste não me esqueço!
Dos teus usos antigos te tiraste,
E he problema entre nós se melhoraste!
Do que tinhas melhor já te esqueceste,
E o que perder devias não perdeste!
Puzeste cousas mil em confusões
Das modas, que te vêm de outras nações:
Té desprezas o solido alimento,
E por isso te vejo tão gosmento;
Não tens senão defluxos catarrosos,
Indigestões, topôres perigosos,
Com que continuamente te prantêas,
Fruto de altos jantares, grandes cêas:
Ha cinco, e seis cubertas, e ha pessoa,
Que a hum só prato que seja não perdoa.
Hum individuo assim Pai Pai segundo,
He capaz de comer quanto ha no mundo.
Fica esmola a pedir quem o supporta:
Tal gente longe vá da minha porta!
Portugal, sê na meza acautelado;
A gula te vai pondo em triste estado:
Já nas cazas de pasto frequentadas,
Já nas mezas dos ricos enfeitadas,
Mostras fastio á sôpa, vaca, arroz,
Só queres fricassés, e fricandoz;
O rosbife, que em sangue inda escorrendo,
Os estômagos vai assim perdendo;
Rabiolos, fatia á Prussiana,
Pitéos de toda a casta de chanfana;
Que ha cozinheiro tal, tão delicado,
Que de folhas de parras faz guizado,
Mujangués, varios môlhos, e frituras,
Leite creme, pudins, e outras misturas,
Compotas com as caldas refervidas;
Tudo isto pouco a pouco acaba as vidas.
Depois tens nos cafés vastos licôres,
Que alguns até se bebem pelas côres:
Hum porque he côr de roza muito vivo,
Outro o ser côr de goivo faz motivo;
O de cravo, que agita, bem que esquentá,
Hum, que se estima de hortelã pimenta;

{26}

{27}

O licor de canela, o marrasquino,
Licor de ouro tambem que he caro, e fino.
Eu inda espero ver licor de cardos,
De alfazema, tomilho, e lirios pardos.
Sahe hum Taful d'alli, que he todo braza;
Se tomasse cantharides em casa,
Não julgava ficar assim tão forte;
Quer conservar a vida, e busca a morte.
Se não se emenda disto, anda enganado,
Cuida que morre cru, morrendo assado.

{28}

Portugal, em mil couzas tens mudado!
Só te vejo aos abusos afferrado!
Por exemplo: jogar-se tanto o entrudo,
Em que se insulta o homem mais sisudo,
Com agua, pós, laranjas, pulhas, peças,
Em que aberto se tem tantas cabeças!
Louvo que jantes bem nesses tres dias,
Mas reprovoo da cêa as demazias.
Pois comes sem discurso, ou reflexão,
Para teres p'rigoza indigestão!
Tens outro abuso, que he serrar a velha,
Tolice, que não póde ter parelha;
Para andarem por frios, e por lamas
Os homens a fugir das suas camas,
Fazendo levantar, vir á janella,
Para se constipar esta, e aquella,
Que sem juizo algum ama, e criada
Perdem a noite nessa mascarada,
Até que no outro dia a cozinheira
Dá ao demo tão grande babozeira;
Pois não podendo o somno disfarçar,
Deixou entrar o caturro no jantar.
E que direi tambem das boas Festas?
Não devo criticar couzas como estas;
Porque trazem motivo mui sagrado,
Com que todo o Christão, bem educado,
Deve ter alegria, e grande gloria
Em trazer taes motivos á memoria.
Mas quizera, encontrando-se as pessoas,
Que abraçando-se, dessem Festas boas;
E que os que mais pudessem nestes dias,
Embora uzassem grandes bazarrias,
Mandando, não Bilhetes de presente,
Mas sim couzas, que alegrem o olho á gente:
Bons perús, porcos, patos, ou perdizes,
Seis gallinhas com doze codornizes,
Tortas, pudins, pasteis, ou pastelões,
Finas broas, gostozos massapões.
Eis-aqui humas Festas de prazer,
Que são de consolar, e agradecer.
Isto prova a amizade ser fiel,
E val mais que tirinhas de papel,
Ou Bilhetes de nomes em cartão,
Que os criados ás vezes nem os dão:
A sege mui fechada á porta chega
A procurar aquelle, que se nega;
E muito digno he de se notar
O que de ambos devemos ajuizar;
No da sege bem he que se supponha
Que de dar Boas Festas se envergonha;
Porque vai tão fechado, e tão occulto,
Que parece que teme algum insulto.
E esse, que em caza está, do amigo á espreita,
Em não fallar-lhe faz-lhe huma desfeita.
Por isso implicão taes formalidades
Com as bem reguladas amizades.

{29}

{30}

Dizem que quanto mais se vai vivendo,
Mais couzas, nunca vistas, se vão vendo;
Mas eu outro conceito he bem que forme,
Que quanto mais se vive, mais se dorme;
E dou esta razão, porque supponho
Que viver, e dormir he tudo hum sonho.
Sonho parece quanto vejo, e digo,

Além do quanto fica só comigo.
 Porém vamos a couzas divertidas,
 E fallemos de velhas presumidas,
 Que algumas ha de tanta affectação,
 Que por invencioneiras dão penção.
 Huma velha vi eu tão melindroza,
 Que fugia do cheiro de huma roza,
 Dizendo lhe exaltava logo o flato;
 Tão estragado estava aquelle olfato!
 Succedeo de vizita ir esta lesma
 A caza de outra igual Dona Seresma
 A tempo que entrou logo outra vizita
 De huma grave Senhora, mui bonita,
 A qual tinha nas tranças espetada
 Huma perfeita roza avermelhada;
 E porque ao pé da velha se assentou,
 Logo a velha aos arrotos começou,
 Dando desta molestia por motivo
 Daquella roza o cheiro muito activo:
 Foi crescendo a afflicção a mais e mais,
 E com afrontamentos grandes ais;
 Cahio do canapé torcida toda
 Com huma convulsão destas da moda.
 Acodio-lhe a Senhora a toda a pressa,
 Que trazia a tal roza na cabeça,
 Dizendo que era sêca, e que a comprára,
 Por ser roza de musgo, linda, e rara;
 Obra feita por mão de huma Franceza,
 Que nas flores imita a Natureza.
 Quando a velha ouvio tal, envergonhada,
 Fingio tornar a si com lã queimada;
 E foi então geral a zombaria,
 Que fez da dita velha a companhia.
 Eis-aqui as molestias, que dão rizo,
 E a que se expõem com faltas de juizo
 As velhas infundidas em vaidade,
 Que querem sempre estar na flor da idade;
 Que ha velha, que no modo de trajar,
 Presume as raparigas desbançar.

{31}

Eu vejo raparigas enfeitadas,
 Rethoricas, porém pouco applicadas,
 De orelha palavrinhas apanhando,
 Com as quaes aos tafues vão affectando.
 Huma carta vi eu de huma senhora,
 Muito desvanecida de Doutora,
 Cuja carta era em verso, e era de amores:
 Queixas de auzencias, zelos raladores;
 Quando só tinha lido a mocetona
 As guerras de Alecrim, e Mangerona.
 A carta não me lembra até ao fim,
 Porém o seu principio vinha assim;

{32}

*De pungentes receios combatida,
 Lembrando-me talvez o ser trahida,
 O meu ciume trepido, fervente
 Adeja sobre mim avidamente:
 Eu desafio a magoa, e a impaciencia
 No campo dilatado de huma auzencia,
 Ululando, e exprimindo o sentimento,
 Que me despenha em grande abatimento:
 Anhelando appellar nesta fraqueza
 Para o tribunal dubio da fineza.*

Que tal foi este parto sem parteira?
 Ella chamou-lhe carta, eu chamo asneira.
 Não critico as Senhoras instruidas
 Em bons Autores, e Obras escolhidas,
 Que com principios bons de educação
 Mostrão que tem juizo, e tem lição:
 Senhoras ha discretas, que nas fallas
 Tomárão muitos homens imitallas.
 Tambem não noto aquellas coitadinhas,
 Que lidão com dedal, agulha e linhas,
 Vivem do bastidor, ou da almofada,

{33}

Que essas tempo não tem para mais nada.
Só murmuro daquela não sizuda,
Que em trez dias a fórma ás modas muda,
Que só cuida do luxo mui garrida,
Da belleza, que tem, desvanecida;
Não lhe importa nem ler, nem trabalhar,
E o que sabe he somente namorar,
De janella esperando os valdevinos,
Feitas huns papagaios femeninos;
Formosuras pasmadas quanto a mim,
Bem proprias para estátuas de jardim.

Portugal, Portugal! não te conheço!
Cada vez te vou vendo mais avêço.
Eu vejo tambem homens presumidos,
Com desvanecimento de instruidos;
Porém he hum saber tão fôfo, e escasso,
Que andão a tropeçar a cada passo.
Criticão tudo, nada se respeita,
Sem saber onde tem a mão direita.
Soffrer já mais se póde que a ignorancia
O merito confunda co' a jactancia. {34}
A ponto se me está representando
Hum caso, que nos vem aqui frizando:
Nosso insigne Pintor Alexandrino
Fallou ao Preto velho Pai Justino,
Para que lhe caiasse a propriedade
De humas casas, que tinha na Cidade.
Caiou-lhe o Preto a frente muito bem,
E no fim não lhe quiz levar vintem,
Dizendo que hum a outro companheiro
Era desatensão levar dinheiro.
Ora, assim como o preto, muita gente
Sonha em ser grande cousa de repente!

Assentemos que o mundo cada dia
He de doudos extensa enfermaria;
Porque hum ser Mathematico projecta,
Outro insigne Pintor, outro Poeta;
Hum a Musico vai, outro a Letrado,
Outro na Medicina he enfronhado;
Hum he Filósofo, outro he Architecto,
Outro quer ser da Lua, e do Sol neto;
E muitos sem principios, nem razão,
Não sabem mostrar mais que presumpção;
Pertendendo roubar a fama, e gloria
A quem cançou com livros a memoria.
He tudo entusiasmo, e parvoice,
Desconcertos nascidos da doudice: {35}
E nas varias manias, que contém,
Assenta cada qual que assim vai bem.
Mas se viver por gosto assim pertendem,
Que nem já huns aos outros bem se entendem,
Vão vivendo, que as cousas deste mundo
Humas ficão em cima, outras no fundo;
Porque a razão nos mostra, e nos ensina
Que tudo toca a meta, e então declina.

Portugal, Portugal! nao te conheço!
Quanto mais penso em ti, mais esmoreço.

Explicação dos Enigmas, Adivinhações, e Charades do 1.º Folheto, ou primeira Parte desta Obra.

O 1.º Enigma he = a letra *O* = o 2.º = *Dedos* == o 3.º = *Pares de luvas* = a Adivinhação = *Figos* = a 1.ª Charade = *hum Soldado* = a 2.ª Charade = *hum Caçador* =.

Escolher té acertar.

Improviso do Autor.

Tafueszinhos deste tempo,
Se estado quereis tomar,
Deveis com muito sentido
Escolher té acertar.

Daquella, que rir sem tempo,
E esperta de mais fallar,
Fugir de se lhe dar corda,
Escolher té acertar.

A que de lograr os homens
Com jactancia se gabar,
Nem mais pôr-lhe a vista em cima,
Escolher té acertar.

Rapariga janelleira,
He bom della não fiar,
Namora a muitos, pois quer
Escolher té acertar.

A que ás modas afferrada
A moda não perdoar,
Deixalla, mas logo ir outra
Escolher té acertar.

{37}

A que der costura fóra,
E meias a accrescentar,
Deixalla ir pela malha,
Escolher té acertar.

Daquella, que crê em bruxas,
Que se anda sempre a assustar,
Fazer-lhe huma cruz á porta,
Escolher té acertar.

Não vos enleve a menina,
Porque canta, e vai walçar;
Sem tempo, não ha escolha,
Escolher té acertar.

Fingi ter paixão por todas,
Depois huma exceptuar,
Fazei o que ellas vos fazem,
Escolher té acertar.

Mal que a escolha se fizer,
Sem demoras ir cazar,
Mas tomar bem as medidas,
Escolher té acertar.

Qualidades da senhora
Podeis por fóra indagar,
Indagar não dá, nem tira,
Escolher té acertar.

{38}

O laço do Matrimonio,
Dado sem se ponderar,
Traz depois sempre a desordem,
Escolher té acertar.

Todos sabem que he melhor
Prevenir do que emendar,
Com brio, honra, e decencia
Escolher té acertar.

Ser amante, e não velhaco,
Prometter, e não faltar,
E para mais segurança
Escolher té acertar.

Os que nada tem de seu,
Nem tem genio de casar,
Desenganem, porque escusão
Escolher té acertar.

Hoje as mulheres não querem
Os maridos sustentar,
Antes tomão por systema
Escolher té acertar.

Donzella, ou viuva rica
Pobretões não vão buscar,
Vão entre os homens chineiros.
Escolher té acertar.

{39}

Casamentos com juizo
Poucos vejo effectuar,
Se Amor vai com o interesse
Escolher té acertar.

Formosura, e qualidades
Já ninguem vai disputar,
Se o dinheiro he quem traz tudo,
Escolher té acertar.

Porém siga embora o mundo
Esse modo de pensar,
Ide só honra, e juizo
Escolher té acertar.

Vós deveis sem ambição,
Se tendes com que passar,
Nas honestas, recolhidas
Escolher té acertar.

As ricas devem tambem
Homens de bem amparar,
E nos mais bem comportados
Escolher té acertar.

Se todos isto seguissem,
Melhor se havião de achar;
Mas dinheiro quer dinheiro,
Escolher té acertar.

{40}

A final será virtude
Pensões do estado notar,
E depois outro destino
Escolher té acertar.

Minhas filhas não caseis.

Improviso do Autor.

Namoradinhas da moda,
Vede bem o que fazeis,
Com tafues atordoados,
Minhas Filhas não caseis.

Se tomais paixões de amor,
De velhas não morreréis;
Tira amor annos de vida,
Minhas Filhas não caseis.

Todos huns santos se inculcão,
Namorando cinco, e seis,
Em lhes conhecendo a balda,
Minhas Filhas não caseis.

{41}

São huns em quanto pertendem,
Depois são hydras crueis,
Como a cobra, a pelle mudão,
Minhas Filhas não caseis.

Destes frangainhos novos,
Ó Filhas, não vos fieis;
Andão sempre dando ás azas,
Minhas Filhas não caseis.

Trazem-vos anneis das feiras
De vintem, e de dez reis,
Porque a mais chegar não podem,
Minhas Filhas não caseis.

De educação, e de genio
He justo vos informeis;
Com homens desconfiados,
Minhas Filhas não caseis.

Entre a guerra dos ciumes
N'hum tormento vivereis;
Meninas, coração livre,
Minhas Filhas não caseis.

Depois da primeira offensa
Segunda não espereis,
Fugi sempre a lograções,
Minhas Filhas não caseis.

{42}

Como he raro em Lotarias
Achar a dos dezeseis,
He raro achar bom marido,
Minhas Filhas não caseis.

Não duvido que finezas,
E mil excessos acheis;
Mas são iscas para a rêde,
Minhas Filhas não caseis.

As cartinhas amorozas,
São finezas em papeis,
O papel tudo consente,
Minhas Filhas não caseis.

Por huma verdade só
Mentiras mil soffrereis,
Olho vivo, prevenção,
Minhas Filhas não caseis.

Como Amor cego se pinta,
A mesma queixa tereis,
Se haveis cahir por cegueira,
Minhas Filhas não caseis.

Aturar os pequerruxos,
Do marido os aranzeis,
São cousas, que custão muito!
Minhas Filhas não caseis.

{43}

Vós em casa com mil sustos,
Elles por outros quarteis;
Vós em jejum, elles fartos,
Minhas Filhas não caseis.

Casar, e ficar depois,
Como muitas achareis,
Viuvias, pobres, doentes,
Minhas Filhas não caseis.

Os velhos são rabugentos,
Os moços são infieis;
Como ha pouco, onde se escolha,
Minhas Filhas não caseis.

Por sustos, penas, cuidados
O descanso não troqueis,
Solteiras não sois escravas;
Minhas Filhas não caseis.

Rir, brincar, zombar de todos
He bem bom, se isto fazeis,
Não vos enterreis em vida,
Minhas Filhas não caseis.

Vivei libertas, Meninas,
Que contentes vivereis;
Boi solto lambe-se todo,
Minhas Filhas não caseis.

{44}

Bem conheço, minhas Filhas,
Que em velhas pouco valeis;
Mas que serve acertar mal?
Minhas Filhas não caseis.

Amor, juízo, e fortuna
He com que acertar deveis;
Isto he bom, mas onde ha disto?
Minhas Filhas não caseis.

Nisto, que digo, vos mostro
O fruto, que tirareis;
Só por trez dias de festa,
Minhas Filhas não caseis.

Abraçai os meus conselhos,
Porque vos não enganeis,
Mandai Amor á tabúa,
Minhas Filhas não caseis.

{45}

APÓLOGO.

A Gallinha, e os Pardaes.

N'huma reserva de estrume
Gallinha sôfrega andava,
Espalhando com os pés
O deposito, que achava.
Bando de espertos Pardaes
Muito de perto a seguião,
Quanto ella esgaravatava
Elles, famintos, comião:
Neste, naquelle lugar
Andava a triste cançada;
Os Pardaes comião tudo,
A pobre Gallinha nada:
Té que sacudindo as azas,
Virou de repente, e vio
A manada charleadora,
Que áquelle estrume acudio.
Então disse: Está mui bom
Esse modo de viver!
Eu descobrindo, e espalhando,
Para os mais virem comer!
Por certo que estou lograda!
N'outra não torno a cahir:
Donde vir estes golosos
Eu cuidarei de fugir.
Hum Pardal de escuro bico
Dos outros sahio á frente,
Que por ser Pardal ja velho,
Se julgava intelligente:
E querendo despicar
Aquella descompostura,
Deo á Gallinha em resposta
Esta sentença madura:
Este lugar, em que andamos,

{46}

Não he vedado a ninguém;
Temos a elle o direito,
Que qualquer Gallinha tem:
De mais ha outro motivo;
Quem por espalhar trabalha,
He certo que já não quer
As mesmas cousas, que espalha:
Nós aproveitamos tudo
Fiados nesta razão;
Ninguem he tolo, que deixe
De acceitar o que lhe dão.
A Gallinha envergonhada
Das satisfações, que ouvio,
Deo huma volta em redondo,
E nem mais o bico abrio.
Os que achão dinheiro junto,
Como herdeiros de seus pais,
Fazendas, cópa de prata,
E outros muitos cabedaes;
Que espalhão tudo por vicios,
Appetites, e funcções,
Dando cabo do que tem
Com loucas combinações,
Talvez que mais se acautelem,
Se disto se recordarem:
A Gallinha espalha, espalha,
Para os mais se aproveitarem.

{47}

CONTO EPIGRAMMATICO.

Ha pelas casas das Sortes
Tres Tabellas penduradas
Com attractivas fortunas,
Mas são fortunas pintadas.
Tem por cima Premios grandes,
Que se chamão de cabeça;
Por baixo os mais diminutos,
Em que a gente nada int'ressa.
Entrou na loja um Laponio,
Querendo Sortes comprar,
Metteo prompto a mão na caixa
A rir muito, e a perguntar:
Diga-me senhor caixeiro,
Porque saber me convem,
Se esses Premios de cabeça
Todos esta caixa tem?
Respondeo hum dos que estavam
Arrumados ao balcão:
Descance; que os de cabeça
Todos nessa caixa estão:
Cabeça he que nós não temos
Em vir sentar-nos n'hum banco
A trocarmos o dinheiro
Por iscas de papel branco.

{48}

CONTO

Do Sabio por imaginação.

Certo Rapaz de Provincia
A Lisboa veio dar,
O qual não sabia ler,
Nem escrever, nem contar.
Para ganhar o sustento
Pôz-se a servir hum Letrado,
Esperto, prompto, e fiel,
Mostrando-se hum bom criado.
De tres a tres mezes o Amo
Por costume lhe dizia:
Esfrega-me essas estantes,

Limpa-me essa Livraria.
 Ajuntou alguns vintens,
 E a sua patria buscou,
 Onde se estabeleceo
 Com fazendas que comprou.
 Lá na Botica da terra
 Elle hia as noites passar
 Com o Cura, e mais pessoas,
 Que alli vinhão palestrar.
 N'huma noite huma questão
 Se moveo co'hum Estudante,
 Em que elle se foi metter
 Por atrevido e ignorante.
 Instava sem reflexão
 Dizendo: He que me faltava;
 Se por ter aberto livros
 Vossa Mercê me encovava.
 Eu tambem Livros abri,
 Lidei com discreta gente;
 Não jugue o senhor novato
 Que acha em mim algum demente.
 O estudante, que sabia
 Que o tal servira hum Letrado,
 Querendo-o desmascarar,
 Lhe respondeo enjoado:
 Eu sei que livros abrio,
 Mas diz gente verdadeira,
 Que abria livros alheios,
 Para tirar-lhe a poeira

{50}

Eis como alguns impostores
 De sabios querem ter fama,
 Lendo só rostos de Livros,
 Nada fruto, e tudo rama.
 Não estudão, nem se canção;
 Querem que a sabedoria
 Se pegue, bem como a febre
 Em tempo de epidemia.

CONTO EPIGRAMMATICO.

Havia hum homem sagaz,
 E bastante indagador;
 Sempre das vidas alhêas
 Queria ser sabedor.
 Por conseguir o seu fim
 Valia-se de mil modos,
 Louvando, ou dizendo mal
 Sabia tudo de todos:
 Com perguntas, e rodeios
 Botava a rede em cautela:
 Quem conversava com elle
 Por força cahia nella.
 Adoeceo gravemente;
 E hum Medico foi chamado,
 Que da lingoa deste enfermo
 Vivia escandalizado:
 Receitou-lhe hum vomitorio,
 Mas com elle não lançou;
 Repetio segunda dose,
 Iguamente se frustrou;
 Até que o Medico disse:
 Pasma do caso presente!
 Não vomitar quem tem feito
 Vomitar a tanta gente!
 E pois que o meu vomitorio
 Nada, ou pouco lhe aproveita,
 Se quer vomitar, amigo,
 Use da sua receita.

{51}

Hum Capitão de Navios
Trouxe do Brazil hum Mono
De condição vingativo,
Mas fagueiro com seu dono.
O dono estimava-o muito,
E o Macaco o conhecia;
Disto dava o bruto provas
Nas festas, que lhe fazia.
Trepava por elle a cima,
Catava-o de quando em quando,
Punha-lhe a mão pela cara,
De roda delle pulando.
Ao animal finalmente
So lhe faltava fallar;
Tendo o dono ao pé de si,
O seu forte era brincar.
Vio o Macaco huma vez
Seu dono matar hum gallo;
Pilhou-o fóra de caça,
Tentou tambem imitallo:
Entrou pela capoeira
Com huma faca na mão,
Foi matando tudo a eito,
E atirando para o chão.
Vindo o dono para casa,
E achando tal mortandade,
Esconjurou o Macaco,
Mais a sua habilidade;
Mas passando-lhe a paixão,
Co' hum páo o ameaçou,
Deo-lhe huma leve pancada,
E com dó delle ficou.
O bruto, que não perdeo
A pancada da lembrança,
Mesmo á bruta não deixou
De tomar delle vingança;
E pilhando no outro dia
O dono ao pé descuidado,
Botou-lhe com dentes, e unhas
A cara abaixo de hum lado.
Quem dissera que por tempos
Se mostrasse tão cruel
Hum bruto, que parecia
Tão submisso, e tão fiel!
Ha duas moralidades,
Que d'aqui se hão de tirar:
A primeira he que nos brutos
Ninguem se deve fiar:
A segunda de que ha homens
De huma apparente bondade;
São huns, e parecem outros
Por manha, e sagacidade.

{52}

{53}

APÓLOGO.

A Pulga, e o Mosquito.

N'huma noite de Verão,
E de bastante calor,
Encontrou-se co' hum Mosquito
A Pulga n'hum cobertor:
Cumprimentárão-se muito
Co' a politica devida;
E disse a Pulga ao Mosquito:
Ando aqui desfalecida;
De vossa mercê me queixo,
Que do sustento me priva;
Estou tísica, e esfalfada,
Não sei como já sou viva:
Ando por cima de leitões,

{54}

Ando nas camas de chão;
Vem vossa mercê tocando,
Começa a minha afflicção;
Se dou alguma picada,
He sempre em sustos, e medos;
Porque temo de cahir
Na ratoeira dos dedos.
N'hum individuo, que dorme,
He onde janto, onde ceio;
Mas não me presta o que como,
Pelo meu justo receio:
Se lhe chupo n'huma perna
Sempre com cinco sentidos,
Vem logo a sua trombeta
Metter-se-lhe nos ouvidos.
Acorda o que está dormindo,
Dando a cantiga ao diabo;
Se me sente, põe-me o dedo,
E entre as unhas me dá cabo.
Por tanto quero pedir-lhe
Tenha de mim compaixão;
Que toque á gente acordada,
Porém á que dorme não.
Ó filha, disse o Mosquito,
Eu tambem soffro, e padeço;
Pois levo ás vezes boléos,
Que da vida me despeço.
Dão bofetadas em si
Os que andão comigo em guerra;
E se me apanhão no lance,
Atirão comigo a terra.
Os desastres que me conta,
Por certo me mettem dó;
Mas he preciso tambem
Que não queira comer só.
Nestes termos, minha rica,
A vontade lhe farei;
Que engorde, e que viva farta,
He que eu muito estimarei.
Despedirão-se hum do outro:
E o Mosquito atraídoado
Não fez nada do que disse,
Que he traidor dissimulado.
Perseguia a toda a gente;
A quem dormia acordava,
Por emulação á Pulga
Fazia o que costumava.
A Pulguinha muito afouta,
Vendo hum homem a dormir,
Ferrou-se-lhe no cachaço,
Sem lhe lembrar o fugir.
O Mosquito pelos olhos
A zunir muito, e a morder,
Acordou o homem da sesta,
Para a Pulga surprender:
Que, coitadinha! espirou,
Acabando o seu flagello,
Entalada entre o sobrado,
E entre a sola de hum chinelo.
Daqui colligir se deve
Que quando a vingança cega,
Quasi sempre hum malfeitor
O seu semelhante entrega.

{55}

{56}

APÓLOGO.

O Burro, e a Ratazana.

Estava hum Burro comendo
Á noite a sua ração,
E huma velha Ratazana
Quiz ter com elle quinhão.

{57}

Disse-lhe o Burro: Malvada,
Vai a outro sitio comer:
Não basta a ração ser pouca?
Mais pequena a vens fazer?
Respondeo-lhe a Ratazana:
Por hoje licença dá;
Que por estes oito dias
Prometto de não vir cá:
Eu sei mui bem que teu dono
Hum grande queijo comprou;
Espreitei onde o metteo,
E á manhã com elle dou:
Hei de fartar-me á vontade,
Roendo-lho muito bem:
Sei que a vizinha debaixo
Bolos n'huma cópa tem:
O criado, que te trata,
Tem lá n'huma parteleira
Hum grande monte de cebo
Junto dentro de huma ceira:
Lá pelas aguas furtadas
Já atinei co' huns buracos
Para saltar n'hum pombal,
E chupar pombos dos cacos.
Á vista das descubertas,
Que já hoje tenho feito,
Espero passar sem fome,
Com subtileza, e com geito,
Foi tasquinhando a ração
Naquella doce esperança,
Co'a imaginada fartura
Sempre posta na lembrança.
Do Burro se despedio
Com affago, e cortezia;
E foi de rabo estendido
Para a cova, em que vivia.
Porém lá pela alta noite
Tornou depois a sahir,
E foi-se por certo atalho
Nas casas introduzir.
Andou em busca do queijo,
Porém já o não achou
No sitio, que imaginava,
Onde d'antes se guardou.
Voltou-se ao primeiro andar
Para os bolos da vizinha,
Basculhou a copa toda,
E nem hum só bolo tinha.
Cançada, raivosa, e triste
Ao quarto do moço veio;
E porque estava acordado,
Entrou com algum receio.
Saltou para a parteleira
Com o cebo no sentido;
Mas no dia antecedente
O tinha o moço vendido.
A sahida deste quarto
Empreza foi arriscada;
Por se safar tão ligeira,
Não mammou huma arrochada.
Lá por outros escaninhos
Ao telhado caminhou,
Só para entrar no pombal,
Onde outras vezes entrou.
Mal que se pilhou de dentro,
Vio huns ninheiros mais baxos,
Ficou-lhe o olho luzindo
Co' o sentido nos borrachos.
O dono, que de outros ratos
Se via mais perseguido,
Pôz-lhe armada ratoeira
Com petisco appetecido.
Foi então que a Ratazana,
Não se podendo conter,
Cheirou-lhe a isca por fóra,

{58}

{59}

Quiz entrar dentro, e comer.
Deo voltas, metteo focinho;
Mas á dentada primeira
Ficou a pobre engasgada
Nos ferros da ratoeira.
Quanto esperava falhou,
E por mais infausta sorte,
Toda a alegria passada
Acabou nas mãos da morte.

{60}

CONTO EPIGRAMMATICO.

Hum Author compunha hum livro,
Livros velhos folheando:
Perguntou-lhe hum seu collega:
Que estás ahi procurando?
Respondeo: Como não ha
Livro algum que tão máo seja
Que não tenha alguma cousa
Boa, que se note, e veja:
De cada hum tiro hum pouco.
Disto hum novo livro ageito
Ficando de cousas boas
Formado hum livro perfeito.
Desta lição eu quisera
Que os homens se aproveitassem,
De cada hum imitando
As virtudes, que lhe achassem.
O homem, que isto fizesse,
Hum grande braço teria;
Ficava sendo hum compôsto,
Que ao Mundo exemplo daria.

{61}

APOLOGO.

O Saloio, e huma Sorte de papel.

Vendo nas casas das Sortes
Premio de oitenta mil reis,
Foi hum Saloio comprar
Oito tostões de papeis:
E tudo desembulhando
Hum Premio só não achou,
Repetio dobrando a dóze,
Da mesma sorte ficou:
Foi comprando mais e mais,
Quanto comprava perdia,
Gastou dezoito mil reis,
E delles nem bóia via.
Raivoso se foi á caixa,
Dizendo: Forte castigo!
Tirou mais seis tostões dellas,
Que era o que tinha comsigo:
Tambem lhe sahirão brancas,
E o homem desesperou;
Mas a ultima entre os dedos
Deste modo lhe fallou:
Saloio, quem quer que sejas,
Toma do mundo lição,
Todas as cousas pintadas
Como parecem não são;
Não te illudas com os Premios,
Que he natural o falharem,
E nesse engodo emmagreces,
Para os outros engordarem:
Se o acaso der hum Premio,
Põe logo no pensamento,
Que para hum só ser feliz,
São desgraçados hum cento:
O que tira tres moedas,

{62}

Já veio vinte deixar,
 E se inda não as largou,
 He isca para as largar.
 O que tira tres tostões,
 Fica de nós muito amigo,
 Sem ver que deixou o porco,
 E leva a corda comsigo.
 Os prudentes conceituão
 Ser tudo isto huma Tragedia,
 Que os felizes nestas casas
 São como os Reis de comedia.
 E porque em lojas de Sortes
 Não gastes nem hum vintem,
 Huns conselhos vou a dar-te,
 Com os quaes te acharás bem.
 Nao olhes para as Tabellas,
 Nem os mais vejas jogar,
 Que se algum tem sorte em preto,
 A ambição te vai tentar;
 Olha sim, para a dinheiro,
 Que está perdido no chão
 Em sortes desembrulhadas
 Da porta até ao balcão.
 O Saloio respondeo:
 Teu desengano me embaça,
 Se se promettem fortunas
 Onde se encontra a desgraça.
 Á vista disto he razão
 Que este vicio em mim se quebre,
 Fugirei de toda a casa,
 Que vende gato por lebre.

{63}

{64}

Vindo ás mãos do Author huma Quadra bastantemente conceituosa, tentou glosala pelo seguinte modo:

QUADRA.

*Dois Entes regem o mundo
 Doce Amor, e Morte impía,
 A Morte co' a fouce corta
 Quanto Amor semêa, e cria.*

GLOSA.

1.

Logo que foi construida
 Esta Maquina brilhante,
 Não falhou hum só instante
 Na conta, pezo, e medida:
 Nem podia ser falida
 Obra de hum Saber profundo;
 He seu creador segundo
 O Tempo, que não faz pausa,
 Por mando da Eterna Causa
Dois Entes regem o mundo

{65}

2.

Hum he Amor, outro a Morte,
 Cada qual com fortaleza,
 Entre alegria, e tristeza,
 Mudão dos Mortaes a sorte:
 No que hum faz outro dá córte,
 Que a desordem desafia,
 Disputão de noite, e dia,
 A qual mais poder encerra,
 Andão sempre em viva guerra

3.

Nesta horrorosa campanha
Não faz figura a Razão,
Nem ha capitulação
(O que já se não estranha)
Tudo de terror se banha,
He immensa a gente morta;
E por mais que Amor a exhorta,
Sem respeito ás creaturas,
Searas verdes, maduras
A Morte co' a fouce corta

{66}

4.

Quando a paixão se declara
De Amor entre dois amantes,
Porque não fiquem triunfantes,
A Morte vê se os separa:
Como he das vidas avara,
Em suffocallas porfia;
De balde Amor a vigia,
Que a Morte, que tudo extingue,
Trabalha porque não vingue
Quanto Amor semêa, e cria.

{67}

Quadra, que mandou huma Senhora ao Author (talvez sem reflectir) com muito empenho, para que lha glosasse; sendo assás bem difficultosa, pelo veneno do tempo que tem comsigo, etc.

QUADRA.

*Não sigas, Bella, os caprichos,
Que os Mortaes tem fabricado;
Segue as Leis da Natureza,
Felicita hum desgraçado.*

GLOSA.

1.

Bella Nize, o Creador,
Que o Mundo fez, e governa,
Que com Providencia eterna
He, e foi de tudo Author,
He em quem devemos pôr
Os nossos desejos fixos;
De genios que estão perfixos,
Com a maior impiedade,
Em negar esta verdade
Não sigas, Bella, os caprichos.

{68}

2.

Dar a todos a entender
Por Fabula Ceo, e Inferno;
Que não ha castigo eterno;
Que nem premio póde haver;
Que ha só nascer, e morrer
Sem lembrança de peccado,
Bem como bruto esfaimado,
Eis a perversa doutrina,
Só para nossa ruina,
Que os Mortaes tem fabricado.

3.

Quem na Pia do Baptismo

As luzes da Fé recebe,
O bom character concebe
No Gremio do Christianismo:
Não temer penas do Abismo
He ser de Lucifer preza
Na Religião firmeza
He quanto todos convem
Inculto Gentio he quem
Segue as Leis da Natureza,

{69}

4.

Ó Deos Eterno! he possivel
Que o Christão, que tu creaste,
Dos teus preceitos se afaste,
Á tua voz insensivel!
Sua pena era infallivel
Por ter a Lei quebrantado;
Mas o teu Poder sagrado
Fallando-lhe ao coração,
O salve da escravidão;
Felicita hum desgraçado.

{70}

CHARADE.

Guarda a primeira e segunda
Dos rigores da estação,
E guarda a terceira as duas
Por amor, e gratidão:
As tres conchegão seu dono,
Seja de inverno, ou verão.

CHARADE.

Não quer demora a primeira,
A segunda he contra a fome,
Separadas não tem bocca,
Ambas juntas muita toca,
Muita gente tem, que come.

CHARADE.

He criminosa a primeira,
E aos crimes, que commetto
Logo a segunda, e terceira
Justa sentença lhes deo;
Porém juntando-se as trez
Entrão em tanta harmonia,
Que o mal, que a primeira fez,
Torna-se em grande alegria.

{71}

CHARADE.

A primeira diz aonde,
Esta, e segunda cultiva,
Evita a terceira o pó,
E de precipicios priva:
Primeira, e ultima afflige,
Nutre segunda, e primeira:
Ha nas quintas, e fazendas
A segunda co' a terceira:
O bom commodo dos homens
Nas tres syllabas se encerra
Em couza, que serve muito
Na paz, e tambem na guerra.

CHARADE.

Da primeira, e segunda se gosta,
Que he onde se chora, se folga, e se ri:
Na segunda, e terceira apparece
O aspecto da gente por bom, ou ruim;
A segunda, e terceira dá nome
A huma alta serra do nosso paiz;
Mas se as três ajuntarmos, veremos
Hum peixe saltante na praia a cair.

{72}

ADIVINHAÇÃO.

Eu visito toda a casa,
E co' a gente desespero,
Como com ElRei á meza
Daquelles pratos, que quero;
Seja a Dama a mais formosa,
Mais pobre, ou mais abastada,
Mesmo diante de todos
Por mim ha de ser beijada;
Ando sempre em viva guerra,
Vivo entre muito inimigo;
Mas sendo debil de forças,
Só póde o tempo comigo.

ADIVINHAÇÃO.

Não tenho sete cabeças,
Co' a que tenho me governo,
Meu rosto não tem feitio,
Até sou da côr do Inferno:
Pareço no meu sustento
Nascer no Signo de Aquario;
E a minha condição he
Semelhante á do usurario;
Morro de huma ingratição,
Que me faz ser infeliz;
Pois dão-me a morte por paga
Do beneficio, que fiz.

{73}

Significação das Charades, e Adivinhações deste Folheto.

= *ecraeb* = *amôacar* = *ãzoccaa* = *sgausgenua* = *alacvo* = *oapaj* = *osacm* =

A Significação destas *Xarades*, e *Adivinhações* aqui vão não por sua ordem, e até cada huma de per si com as letras trocadas, para maior confusão, e gosto de quem as adivinhar: cujos nomes escolherá para os appropriar, e collocar onde pertencerem, visto não haver outro Folheto, em que se explique, por ser este o ultimo desta Obra, que torno a advertir se deve encadernar com a *primeira Parte*, e com o *Poema do Balão aos Habitantes da Lua*; que fica hum Livro divertido.

Tudo se vende nas lojas: de Francisco Xavier de Carvalho defronte da rua de S. Francisco da Cidade; de Antonio Manoel Polycarpo da Silva junto ao Senado; de Antonio Xavier Moreira da Impressão Regia debaixo da Arcada; de João Henriques no principio da rua Augusta, de Antonio Pedro na rua do Ouro; de Luiz José de Carvalho aos Paulistas; e em Belém na loja da Viuva de José Tiburcio. Custa este Folheto 240; a primeira Parte outro tanto; e o Balão 160.

Notas de transcrição:

O texto aqui transcrito, é uma cópia integral e inalterada do livro impresso em 1820.

Mantivemos a grafia usada na edição impressa, tendo sido corrigidos alguns pequenos erros

tipográficos evidentes, que não alteram a leitura do texto, e que por isso não considerámos necessário assinalá-los. Mantivemos inclusivamente as eventuais incoerências de grafia de algumas palavras, em particular quanto à acentuação.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK CONTINUAÇÃO DO PORTUGAL ENFERMO
POR VICIOS, E ABUSOS DE AMBOS OS SEXOS ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project

Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do

copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you ‘AS-IS’, WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™’s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation’s EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state’s laws.

The Foundation’s business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.